

Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón Milão, 21 de outubro de 2015

Texto de referência: Davide Prospero - Julián Carrón, “Sorri em teus olhos a estranheza de um céu que não é o teu”, Passos, novembro 2015.

- *The things that I see*
- *E se domani*

Glória

Veni Sancte Spiritus

Carrón: Vamos começar retomando a Jornada de Início de Ano. Começo lendo uma carta que uma pessoa escreveu a um amigo (o qual, depois, me enviou), porque a considero importante do ponto de vista do método, dizendo o que significa trabalhar sobre a Jornada de Início de Ano, porque uma graça é dada a um, para todos. “Eu e algumas pessoas fizemos um jantar para falar sobre os problemas do nosso trabalho. Como todos eram do Movimento também falamos sobre questões de CL e naquela ocasião o tema era a Jornada de Início de Ano, que tinha acontecido alguns dias antes. Como você sabe, já faz quase vinte anos que não participo das atividades do Movimento; embora sendo – podemos dizer – simpatizante, não consigo fazer melhor. Naquela noite, pouco antes do jantar, baixei o texto do site e o imprimi. Não o li, mas estava muito interessado e curioso em saber dos participantes do jantar quais eram as indicações do Movimento para este ano, até porque, para ser sincero, se tivesse tido a oportunidade ou alguém tivesse me convidado, provavelmente teria ido à Jornada de Início de Ano. A discussão foi rica de citações e explicações de alguns conceitos citados por Carrón. Não faltaram, como sempre, os raciocínios mais ou menos cultos sobre as diferenças de impostação entre Giussani e Carrón, tipo: “Porém, Giussani teria dito isso de outro modo”. “Giussani, nesse outro contexto, teria dito assim”, “Muito bonito este ponto”, “Muito bonito também esse outro” “É mesmo verdade quando diz...”, todas coisas que, certamente, são corretas do ponto de vista teológico e, também, intelectualmente profundas, mas não satisfizeram a minha curiosidade. Dizia a mim mesmo enquanto escutava: por que isso me interessaria novamente? Por que não paro definitivamente de me perguntar continuamente há vinte anos se vale a pena me envolver mais uma vez em uma experiência que mudou a minha vida e à qual dei tudo de mim há tantos anos? Por que deveria aderir de novo? Somente para dar a minha opinião nessas discussões nada interessantes? Cheguei em casa tarde da noite, desiludido. Permita-me a ousadia de citar uma passagem do Evangelho que fala sobre os discípulos de Emaús: “Nós esperávamos que fosse Ele, porém...”. Eu também esperava que naquele jantar pudesse acontecer algo para mim. Depois, comecei a ler com atenção o texto que tinha baixado, não queria acreditar que pudesse realmente ter terminado assim: e fui literalmente fulminado! Li e reli a colocação de Carrón e quanto mais relia aquelas palavras, mais me comovia. Falava exatamente para mim, à minha situação de resistência insistente àquela atração da beleza que tinha me arrastado anos atrás e que quase não esperava mais possível para mim. Não quero correr o risco de repetir ou interpretar a Jornada de Início de Ano, mas de repente finalmente comecei a ver, como o cego de nascença. Entendi e vi o quanto, no fundo, é simples, foi feita para mim e não posso negar essa atração. É simples. Porque, como é dito num certo ponto: não se “pode pensar [...] que o método imaginado por nós possa ser mais incidente que aquele escolhido por Deus [...] não podemos [...] pretender recuperar, com o nosso fazer, o que perdemos na vida. Esta, portanto, é a nossa responsabilidade: não resistir ao método de Deus” (p. 29). É simples, não é preciso inventar outro; é o método de Deus, ponto final. Diferente de discussões sobre Carrón e Giussani e a exatidão da interpretação autêntica do carisma, etc, etc! Está tudo na Jornada de Início de Ano: provavelmente não seja capaz de repetir e explicar, basta ler; mas é tudo claro e simples. Como o cego de nascença, posso dizer: ‘Uma coisa, eu sei: primeiro não via, agora vejo’. Se me permite, arrisco dizer que uma síntese de toda a Jornada de Início de Ano seja aquela belíssima frase conclusiva do livro de Giussani, *Decisão para a Existência*, que desde meus

primeiros dias, quarenta anos atrás, gravei indelevelmente na memória, quando aquela atração me tomou. ‘O caminho do Senhor é simples como o de João e André, de Simão e Filipe, que começaram a ir atrás de Cristo: por curiosidade e desejo. Não há outro caminho, no fundo, além dessa curiosidade desejosa despertada pelo pressentimento do verdadeiro’ [agora em L. Giussani, *Em Busca do Rosto do Homem*, Cia Ilimitada, São Paulo 1996, p. 151]”. Parece-me que a carta coloca uma questão fundamental de método para cada um de nós, pelo modo com o qual ele trabalha – agora sobre esse texto, amanhã será sobre *Reconhecer Cristo*, depois de amanhã, *Por que a Igreja?* – e se coloca diante das coisas. Aquilo que dissemos na Jornada de Início de Ano, sobre o qual Dom Giussani insiste, é o primado absoluto do acontecimento da fé. E isto, me parece que ninguém ousaria colocar em discussão, porque senão não estaria aqui, não seria leal com a experiência inicial pela qual está aqui. Mas depois, uma vez que isso aconteceu, podemos mudar o método, como se depois não fosse necessário o acontecimento para despertar novamente toda a atração no decorrer da nossa participação. A desilusão (testemunhada pela carta) nasce porque se muda o método, porque se resiste ao método. Parece-me fundamental que olhemos para isso, porque é uma correção fundamental que Dom Giussani nos faz indicando a natureza do cristianismo. Sem isto, podemos fazer todos os comentários, mas quem nos escuta não pode não voltar para casa desiludido: “Eu esperava...”. Não basta que digamos: “É assim. Não é assim”. Podemos discutir durante horas, mas o que não podemos decidir é o que prende o outro, o que é capaz de corresponder à espera do outro. Acontece quando acontece. O acontecimento se dá como conta o nosso amigo na carta e cada um dos participantes daquele jantar decepcionante poderia dizer a mesma coisa de outras ocasiões da vida. Porque, “se o acontecimento da fé [...] é dado por óbvio e tudo se reduz só a explicações ou a dialética [...] que interesse ainda poderá despertar em nós?”, dissemos na Jornada de Início de Ano. “Não conseguirá tomar-nos nem por um minuto [um instante]. Porque nenhuma de nossas tentativas pode produzir a novidade humana por meio da qual Cristo nos fascina e nos faz interessar n’Ele” (p. 22). Como aconteceu com Abraão: não poderia ter produzido um só instante daquela novidade que entrou em sua vida. Por isso, parece-me que essa contribuição nos oferece uma sugestão, uma confirmação do caminho.

Colocação: Oi.

Carrón: Oi. O que você faz na vida?

Colocação: *Sou músico. A pergunta é sobre o exemplo do palhaço e a vila, de Kierkegaard. Mesmo depois de ter falado sobre isso no meu grupo de Escola de Comunidade ainda não está totalmente claro para mim. Ou melhor: o exemplo em si é claro, mas não entendo o seu alcance no primeiro ponto da sua palestra (“As circunstâncias e a forma do testemunho”). Além do exemplo, cito duas frases suas: “E para não parecer, ele também [Dom Giussani], um palhaço, imediatamente procurou mostrar a pertinência da fé às exigências da vida”. Ou: “Ele [sempre Giussani], que conhecia muito bem a doutrina católica, teve de interrogar-se sobre o modo mais adequado para comunicar a verdade, a verdade de sempre, num contexto que estava mudando rapidamente”. (pp.19 -20). Então, depois dessa passagem, resumiria assim a questão: como ou através de que estratégia posso testemunhar a verdade do cristianismo sem acabar fazendo a figura do palhaço? Mas acho que não é só isso que está em jogo, certo?*

Carrón: Sim.

Colocação: *E, de fato, pensava na vida de tantos santos como, por exemplo, São Paulo, quando fala diante do Areópago de Atenas, e que está descrito nos Atos dos Apóstolos: “Quando ouvirem falar de ressurreição dos mortos, uns zombavam [o mesmo verbo], outros diziam: ‘A respeito disso te ouviremos outra vez’”. (At 17,32), Portanto, diria que de algum modo Paulo também fez a figura do palhaço. No entanto, continua o texto, “alguns homens aderiram a ele e creram”. O próprio Jesus fez a mesma figura, embora pior, pois nos Evangelhos encontramos: “Despojaram-no, fizeram-no vestir um manto escarlate, fizeram uma coroa de espinhos, colocaram-na em sua cabeça e colocaram um bastão na mão direita. Depois, ajoelhando-se diante dele, zombavam dele [mais uma vez]: ‘Salve, rei dos judeus!’”. Mas Ele se manteve firme e salvou o mundo mesmo*

assim. Portanto, parece quase inevitável essa figura do palhaço. Então, por que essa insistência sobre a figura do palhaço?

Carrón: E por que você acha que Giussani insiste no fato de que as circunstâncias são decisivas para a definição do nosso testemunho? Atenção para não nos confundirmos. Os exemplos do Novo Testamento que você dá indicam um aspecto muito verdadeiro: que sempre é possível rejeitar a verdade como tal. Entrando em relacionamento com São Paulo, com Jesus, com você ou comigo, as pessoas podem aderir ou não aderir. Mas eu – eu – antes de chegar aí devo me perguntar se a modalidade com a qual digo a verdade é adequada ou não às pessoas, como Dom Giussani fazia. Quando encontraram Dom Giussani, muitos que tinham ouvido as homilias da Igreja já a tinham descartado. Eles mesmos contam isso e Dom Giussani também: no Berchet, muitos estudantes eram filhos de pais cristãos, tinham participado de alguma forma da vida da Igreja e tinham renunciado a ela. Então por que, depois, sentiram-se chamados novamente pelo modo com o qual Dom Giussani testemunhou a fé? Porque perceberam que esse testemunho era mais pertinente para responder às exigências de suas vidas. Eles já tinham recebido o anúncio cristão, mas não o sentiam mais como pertinente à vida. Por isso Dom Giussani insiste que as diferentes modalidades de testemunho cristão não são igualmente pertinentes. Por quê? Porque a fé se cala em uma circunstância histórica real. E todo o esforço do Concílio Vaticano II não foi o de mudar a doutrina, mas de buscar uma modalidade mais adequada para comunicá-la em um contexto sócio cultural mudado. Entendem? Isso não quer dizer que mesmo diante do testemunho mais verdadeiro (como os que você citou de São Paulo e Jesus), a pessoa não possa dizer não, só faltava isso. Toda a provocação da verdade pode ser rejeitada porque é direcionada à razão e à liberdade da pessoa. Mas, antes de culpar os outros porque a rejeitam, eu me pergunto muitas vezes se o modo com o qual a anunciei ao outro foi o mais adequado. Quero ter certeza de que a rejeitam não porque a modalidade do meu testemunho é inadequada, mas por uma escolha da sua liberdade.

Colocação: *Mas o risco, nesse caso, não é o de se medir pelo sucesso do anúncio?*

Carrón: Não é um problema de medida. É uma paixão pelo outro. Um pai não gostaria de comunicar a verdade ao filho de modo persuasivo? Ou, pense em você: quando dá aula de música não gostaria de fazê-lo de modo a despertar em seus alunos a paixão por ela? Quantas pessoas você conhece que rejeitam a música porque lhes foi introduzida de maneira evidentemente inadequada? Você sabe disso perfeitamente. Esse é o problema. E é um problema real. Outra coisa é que, mesmo estando diante do melhor professor de música, a pessoa pode rejeitá-la do mesmo modo. A liberdade última do outro não está em discussão. Mas isso não tira o seu desejo de melhorar e de verificar continuamente a modalidade da sua comunicação para despertar a paixão nos seus alunos; sim ou não?

Colocação: *Sim. Obrigado.*

Carrón: E isso as pessoas entendem.

Colocação: *Sou enfermeira. Algumas semanas atrás, antes da Jornada de Início de Ano, passei alguns dias no trabalho me perguntando constantemente sobre o significado do tempo que passo no hospital e que solicita cada vez mais espaço na minha vida. Em alguns momentos, porém, essa pergunta se transformava em dúvida: será que estou no lugar certo? Ou: será que realmente estou construindo algo? Numa manhã, minha chefe me chamou para discutir sobre uma proposta de estudo e antes de eu sair de sua sala ela me disse: “Espera, preciso lhe dizer uma coisa importante. Eu, na minha estupidez, pensei: me pegou...”*

Carrón: Você devia ter feito alguma coisa errada!

Colocação: *Exato. Porém, me olha e diz: “Eu observei muito você nestes meses e percebi uma coisa: quando você está aqui há um clima diferente, todos trabalham juntos. Todos, da mulher da limpeza às enfermeiras ou ao cirurgião, desejam ser envolvidos por sua febre de vida. E isto sem que você faça ou diga algo em especial, até porque você é a mais nova no departamento e ainda precisa aprender tudo. Mas o que sempre dolorosamente faltou neste lugar é um trabalho de equipe; todos são muito eficientes e preparados, mas na maioria das vezes incapazes de acolher o outro. Você é o presente que tanto esperávamos”.* Fiquei sem palavras. Naquele momento, um

médico entrou e me pediu para cuidar de uma transfusão e, em um instante, me vi mergulhada na vida da enfermaria. Imediatamente, pensei: essa é a medida com a qual Tu me olhas. Não a medida com a qual eu me olharia, mas a medida com a qual Tu me olhas, e fico maravilhada, assim como a minha chefe, com aquilo que Tu fazes com a minha vida; no entanto, não basta, gostaria de amar mais essa mulher, gostaria de amar mais os meus colegas, gostaria de amar mais esse lugar. Quanto mais a vida é sinal de que o relacionamento com Ele é infinito, mais o vejo diante dos olhos, mais O quero de novo e mais presente. O testemunho deve coincidir com esse maravilhamento diante d'Ele e essa necessidade de estar outra vez e mais perto d'Ele, exatamente como você descreveu na Jornada de Início de Ano falando dos apóstolos: não um fazer, não as palavras certas, mas deixar-se arrastar por esse maravilhamento. Porque vejo que é isso que está me fazendo gerar algo no lugar onde estou.

Carrón: Nem por isso deve deixar de fazer o seu trabalho porque é exatamente o modo com o qual você o faz que impressiona. O testemunho não é “não fazer”, mas é “fazer de modo diferente” as coisas usuais, com a novidade que introduz na vida o fato de olhar para Ele. E, então, as pessoas reconhecem isso porque, como dizíamos antes, não percebem você como um palhaço, mas como o presente que tanto esperavam: encontrar uma pessoa que, vivendo assim – porque só você sabe qual é a origem da novidade que você carrega –, é para todos. Essa é a modalidade do testemunho: uma pessoa pertinente às exigências que os outros vivem.

Colocação: *Eu agradeceria muito se pudéssemos aprofundar a questão de que as circunstâncias são fator essencial, fundamental da vocação pessoal, porque não consigo tirar isso da minha cabeça. Preciso entender o que quer dizer que as circunstâncias, em particular as que ferem mais, são preciosas porque através delas o Mistério nos chama para Si. Mais do que necessidade de entender é, na verdade, a necessidade de poder aceitar isso.*

Carrón: Antes de mais nada: de poder olhar para isso. Antes de qualquer coisa, as circunstâncias acontecem, são a modalidade através da qual o Mistério chama você a responder. Quer sejam boas ou ruins, as circunstâncias nos chamam. Por isso Dom Giussani sempre nos introduziu à vida dizendo que a vida é vocação, a vida é o chamado que o Mistério nos faz através das circunstâncias. Por isso elas são fator essencial da modalidade com a qual somos chamados. Não é que Deus lhe dê certas circunstâncias e depois chame você de outra maneira; chama-lhe através das circunstâncias que coloca na sua frente. E quais são as circunstâncias mais simples, mais claras? Aquelas que são inevitáveis, porque como não foi você que as escolheu pode ter certeza de que foram dadas pelo Mistério. O Mistério não prepara você primeiro para um evento e depois o dá; permite a doença, por exemplo, e depois dá todo o tempo para que possa entender seu significado. Chama você. De outro modo jamais o descobriríamos, porque ninguém entra nessas coisas com a imaginação, entra nelas porque a vida chama a vivê-las. E, assim, se a pessoa aceita reconhecer as circunstâncias como o chamado de um Outro, pode descobrir não uma série de fatores, no fundo, sem rosto, mas que por trás da realidade – e essa é a primeira questão – há o rosto bom do Mistério que a está chamando. Você ainda não sabe a quem poderá levar, pode lhe parecer aparentemente “contra”, pode não conseguir entender; mas por causa daquilo que lhe aconteceu na vida, você não pode evitar, ao viver essas circunstâncias, reconhecer a Presença que as dá a você. E isso abre “processos novos”, como diz o Papa, abre o caminho. A fé não lhe poupa do relacionamento com a realidade; a fé lhe dá a companhia de Cristo presente na companhia da Igreja para ajudar você a descobrir o significado daquilo que você vive. É crucial. Nesse caso, o que significa para você? Que quanto mais as circunstâncias lhe ferem, quanto mais se sente desproporcional, mais é chamada a reconhecer o Mistério que as dá e lhe permite vivê-las de um modo humano. Quem poderia viver, como você diz, as feridas mais profundas sem a companhia de um Outro? E como você pode descobrir isso? Através das circunstâncias, porque é quando a vida lhe coloca em uma situação crucial que você tem a possibilidade – nada é mecânico – de se abrir ao Mistério que se faz conhecer também através disso. Através de um Tu.

Colocação: *Como lhe escrevi, se há uma coisa que não suporto de jeito nenhum, é ouvir músicas que falam de um homem ou uma mulher e são transformadas em um significado mais “alto”.*

Carrón: Não, não, não! Quero explicar bem isso: não são transformadas em outra coisa. Eu peço para serem cantadas para explicar – depois você continua sua colocação – que já no nível elementar da vida nós temos a percepção clara e precisa de que a presença de um tu (minúsculo) não é algo que destrói a autonomia do eu, mas que o torna mais si mesmo. Nós sabemos disso no nível elementar da experiência humana, bem antes de Deus se tornar um Tu encontrável. Não peço para cantar *La mente torna* para que vocês pensem imediatamente em Cristo. Não. Peço para que a cantem para que, em primeiro lugar, pensem naquilo que cantamos. Porque vivemos em uma mentalidade em que a pessoa é fechada em si mesma, é concebida individualmente, como autonomia total, sem laços. Porém, é preciso começar a ver que na experiência comum todos reconhecem que “não existo quando você não está aqui”. E se isso acontece já na experiência comum, imagine quando o problema da vida começa a crescer, quando a urgência se torna mais pesada.

Colocação: *Então, a Jornada de Início de Ano começou com uma música desse tipo, assim como esta noite...*

Carrón: Também esta noite: era para você!

Colocação: *Então, imediatamente sinto um certo desconforto e penso: que experiência fascinante a de Battisti e Mongol, que escrevem essas coisas para uma mulher, essa é uma experiência concreta, real, desejável. E, ao contrário, pensar em um Tu com maiúscula me parece um “a menos”. Depois, a Jornada de Início de Ano continuou, e eu deixei de lado muito rapidamente esse desconforto; ouvi você falar, estava com minhas amigas, fiquei tocada com muitas coisas que você disse e, portanto, tudo correu bem, estava muito contente. Quando comecei a trabalhar o texto para a Escola de Comunidade, quando comecei a retomá-lo, voltei a sentir esse desconforto e pensei: por que um Tu me parece menor? Senti-me um pouco, para retomar o exemplo do palhaço, palhaça diante de mim mesma, como se a minha experiência de fé não fosse crível (nem mesmo para mim!). Essa é a minha pergunta. A primeira resposta que me veio foi um provérbio bastante estúpido, que nem diz exatamente aquilo que quero dizer, porém me veio em mente: melhor um ovo hoje que uma galinha amanhã. Apesar de não ser exatamente o que penso, essa questão do hoje e do amanhã me fez pensar imediatamente que, de qualquer modo, para mim, o Tu não é uma presença hoje.*

Carrón: Esse reconhecimento já é um passo. A primeira questão é deixar aberto esse desconforto e começar, como você fez hoje, a ter a liberdade de olhar para ele. E se você mantiver essa pergunta aberta, sem deixá-la de lado, veremos o que vai descobrir. Porque, quanto mais temos uma pergunta, tanto mais somos facilitados a interceptar a resposta. Se posso lhe dar uma sugestão: comece a olhar novamente para a sua vida, a ver quando fez a experiência de um tu que abriu uma fresta ao Tu. Porque nós vemos no Evangelho que muitas vezes o encontro com Jesus abria a pessoa para uma outra coisa. Viam um milagre e diziam: “Agradecemos a Deus...”. Por que pensam em Deus se encontraram apenas em tu humano? Há momentos na vida em que aquele tu carrega algo tão superabundante que não o remete ao futuro, está de tal forma presente na experiência que você faz, que facilita reconhecê-lo. E muitas vezes não nos damos conta disso. Por quê? Porque consideramos tudo óbvio. Muitas das coisas que nos dizemos todos os dias – por exemplo, como acabamos de escutar, o maravilhamento dos colegas por causa de uma presença diferente no trabalho – documentam uma superabundância que os outros veem, talvez não cheguem a reconhecer imediatamente o Tu, mas não podem deixar de reconhecer uma diversidade que é sinal desse Tu. Como o Mistério pode mostrar-se de modo que possa ser reconhecível na experiência presente sem necessidade de saltos mortais? Através da superabundância que se evidencia em uma experiência humana. Mas, frequentemente nós fazemos uma redução já ao escutar essas coisas. E por isso, depois, quando nos vemos diante de uma afirmação como a do Tu com maiúscula nos parece, como diz Giussani, uma fábula. Por isso, citei a sua frase: “Quando a pessoa se levanta de manhã, quando tem dificuldades ou desilusões, ansiedades ou contratempos, a imagem de um Outro [com maiúscula] que acompanha [a vida] [...], que desce até ela [assim como é] para restituí-la a si mesmo, é como um sonho” (*Em Busca do Rosto do Homem*, op. cit. p. 32). Então, reconhecer o

desconforto é o primeiro passo, porque esse é o problema da fé, como você disse. E essa é a grande questão pela qual estamos juntos: para nos ajudarmos a reconhecer esse Tu. Que é a mesma coisa que exprime outra pergunta que muitos me fizeram: o que educa a memória? Como me dizia uma universitária algumas semanas atrás: “Precisei parar e olhar para aquilo que estava acontecendo”; parece-me uma expressão laica daquilo que estamos habituados a identificar (normalmente arquivando-a como um “já sabido”) com a palavra “memória”. Parar para olhar até o fundo o que há dentro da experiência que fazemos, dos relacionamentos que temos, das coisas que nos contamos como testemunho. Parar e olhar, sem substituir este olhar pelo pensamento abstrato. Não. Olhar aquilo que está acontecendo, como dizia a primeira carta que li esta noite: antes não via e agora vejo. Assim, começo a ver aquilo que existe, não devo inventá-lo nem fazer um triplo salto mortal para pensá-lo. Existe! Mas muitas vezes me foge. Por isso, é necessário o trabalho da memória: parar e olhar. Pergunto: quanto tempo vocês dedicam a esse trabalho? Quem se maravilha parando para olhar? Sem esse trabalho tudo desaparece, as coisas que nos são ditas não ampliam a consciência da concretude desse Tu. E quando chega o momento da prova constatamos que qualquer outra coisa nos parece mais concreta do que esse Tu. Mas eu desafio vocês a verificar se isso é verdadeiro, se qualquer outra coisa é mais concreta do que esse Tu! Pensem nos discípulos: qualquer outra coisa da experiência humana normal da vida era mais concreta do que aquela diversidade humana que viam quando estavam diante de Jesus? Por acaso não encontramos essa mesma diversidade constantemente diante de nós, entre nós, em tantas ocasiões? Ou é imaginação?

Colocação: *Tenho quatro filhos. A mais nova, tem quatro anos e nasceu quando eu tinha cinquenta anos, portanto, um belo presente. Para nós, foi uma surpresa que nos inquietou desde o início, que nos pede sacrifício diário, mas que cotidianamente é um dom, seguramente. Certo dia, como sempre cansativo e cheio de preocupações, a pequena pediu a minha mulher para brincar com ela. Minha mulher estava ocupada fazendo outra coisa. Deixou aquilo que estava fazendo, ficou ao lado dela brincando e pensando nos problemas que sempre existem em uma família de seis pessoas. A um certo ponto, a pequenina diz: “Mãe, pode ficar comigo com o rosto feliz?”*

Carrón: Não é que se contenta com qualquer coisa! Veem? Este é o ponto. As crianças percebem as coisas, não são fantoches sem cabeça! Desde cedo têm um detector eficiente!

Colocação: *Minha mulher, que até aquele momento tinha a consciência tranquila porque, apesar de tudo, conseguia dar tempo a todos e também à menor, ficou surpresa com aquele pedido; como você disse, descentrou-nos e nos deixou de boca aberta. E esse pedido, naquela noite, mudou literalmente a nossa maneira de estar com ela e com os outros filhos. A pequena tinha, a seu modo, expressado também a minha necessidade e, tenho certeza, a necessidade de todos, como você nos diz. É exatamente assim: o testemunho não é sermos melhores – sobretudo quem me conhece sabe que sempre falho nisso –, mas é sermos mais felizes, ou mais contentes, como diria de modo mais adequado a tradição cristã. Isso também me faz entender que não é uma coisa que depende do meu fazer, mas é um ser, um dom, eu não conseguiria me fazer mais feliz sequer um minuto. Nasce de uma superabundância, de algo que vem antes. É ser feliz porque se reconhece um dom. É algo estrutural, é aquilo que eu sou. Não é garantida por superestruturas que facilitam o fazer e que, no entanto, não nos fazem mais felizes. Como você está nos dizendo nestes dias, este episódio nos fez tocar com as mãos que o testemunho nasce de uma liberdade que encontra algo tão fascinante que faz nascer a vontade de sair do próprio torpor, do tédio e também do sentir-se com a consciência tranquila. Nasce de um Tu que faz com que você se apaixone pelo próprio eu, um Tu que torna fascinante o meu eu, antes de mais nada, a mim mesmo.*

Carrón: Obrigado. “Nasce de uma superabundância”. É esta superabundância que testemunha a presença de um Outro, porque não podemos não reconhecer que não somos nós que nos damos, que não é produzida por nós. É um dom. E os outros reconhecem isso. Uma pessoa me contava que um de seus filhos foi a uma Convenção nos Estados Unidos e, assim que chegou, uma pessoa do lugar lhe disse: “Você é de CL?”. “Sim, como você sabe?”. “Porque vocês estão sempre contentes”. Não é que as pessoas não percebam logo essa diversidade, essa superabundância, que não existe, obviamente, porque sejamos melhores, mas por causa de uma presença que documenta o Tu através

de um modo de estar na realidade de outro modo impossível. As pessoas que nos encontram “encontram algo fascinante que desperta a vontade de sair do próprio torpor”. É daí que nasce a moralidade, a vontade de colocar a mão na massa, de se empenhar nas coisas, de mudar.

Colocação: *Estou começando o último ano da faculdade, e aos poucos estou me dando conta de como pode ser um ano diferente a partir do modo como me coloco diante da realidade. É realmente um período de transição. Estou vendo minhas amigas mais queridas se formando e se casando e, de repente, estão diminuindo, no cotidiano, os relacionamentos que antes eram presentes. Além disso, realmente comecei a me perguntar o que torna atuais e novos gestos dos quais participo quase como rotina. Fui à Jornada de Início de Ano e experimentei uma inveja louca dos protagonistas dos exemplos que você citou, vislumbrando uma excepcionalidade que me fazia desejar uma simplicidade de coração assim. Começou, desse modo, um trabalho novo e contínuo sobre o texto publicado exatamente para entender mais a fundo essa excepcionalidade que depois de anos de Movimento, me invadiu novamente. Poderia citar todos os trechos que foram significativos para estes dias, mas em particular me marcou e provocou, isto: “Quando nós complicamos a vida e sentimos a relação com a realidade como uma violência, não é [...] porque tudo esteja errado ou ruim. Não, não! O problema é que falta o Tu, aquele Tu que torna possível que tudo – tudo! – se torne amigo” (p. 25). Essa busca pelo Tu como ponto central de fato esclareceu aquilo que me é pedido, desencadeando em mim o desejo de ver de modo carnal os sinais da Sua presença naquilo que existe, nas pessoas com quem fico na universidade, naqueles que estão diante de mim. Senti-me chamada pessoalmente ali, como se Jesus agora quisesse me fazer caminhar exatamente ali. Nestes dias me apresentaram uma nova caloura que não conhecia o Movimento e que tinha acabado de se mudar para a minha cidade. Conversamos longamente e, no fim da conversa, convidei-a para a Escola de Comunidade porque fiquei tocada com o entusiasmo com que fazia todas as coisas. No fim do gesto, veio até mim e disse: “Não quero mais ir embora daqui, porque me sinto protagonista de uma história grande”. Decidiu me acompanhar em todos os lugares, começou a fazer caritativa comigo e foi a primeira a se inscrever na Escola de Comunidade porque estava grata pelo encontro feito. Repensando em como comecei o ano, dou-me conta de como é realmente mais conveniente o método de Deus do que o meu. Deixando-me um pouco levar por Sua obra redescobri que Ele, ao contrário de mim, para responder às minhas perguntas e aos meus medos não alimenta meus raciocínios, mas impõe a sua grandeza através dos fatos (como o encontro com essa menina). Através do entusiasmo dela vi novamente o entusiasmo de começar. Através dos seus olhos redescubro todos os dias a grandeza da história que encontrei e de que ajuda é para a minha vida. A partir disso estou entendendo cada vez mais o valor do testemunho, do qual você fala. Não vejo os três pontos indicados como regras para poder converter pessoas novas quando as encontramos, mas como instrumentos através dos quais, antes de mais nada, podemos ser convertidos e continuamente sacudidos. E é somente por isso que é possível encontrar e deixar-se mudar pelo último que chega.*

Carrón: Obrigado. Esse é o método de Deus, que nos faz encontrar uma menina e a doa a nós com esse entusiasmo: “Não quero mais ir embora daqui”, e se envolve imediatamente com tudo. A mudança acontece nela exatamente através do sobressalto, da centelha que se acendeu nela e que a muda mais do que qualquer outra coisa. E você liga isso ao método de Deus. Se apenas prestássemos atenção em como Deus age! Com suas forças talvez não a teria convencido, mesmo fazendo amizade com ela. Ao contrário, o método de Deus, que nos parece muito pouco incidente, é o único que muda realmente a vida das pessoas e gera a comunidade cristã. Como diz os *Atos dos Apóstolos*: novos membros são incorporados à comunidade cristã, quer dizer, a essa amizade que vivemos. Por isso, entender o método torna mais fácil para nós porque, de outro modo, perdemos aquilo que o Mistério nos dá. Porque, amiga, o que mais o Mistério poderia lhe dar para começar este ano particular, se não uma menina que provocasse você desse modo, que se tornasse uma testemunha assim para você?

Colocação: *Há algumas semanas conheci uma senhora idosa e doente. Fui visitá-la e ela me disse: “Eu realmente tinha vontade de lhe ver, de falar com você, de lhe ouvir porque eu não penso mais em Deus, vivo brigando com ele”. Depois, me disse: “Sabe, eu fiz muitas coisas na vida”. Então, eu a olhei um pouco assim e ela me disse: “É verdade. Quando era jovem tinha um desejo de transgressão, sobretudo sexual e, depois, me complicava. Então, fiz muitas coisas que não eram boas, inclusive alguns abortos”. Fiquei diante dela, comovida, não conseguia ir embora – porque, comigo, Deus não vai embora –, então me aproximei, ela abriu os braços e eu a abracei. Ela me disse: “Olha, você é a única pessoa com quem me sinto livre para falar sobre essas coisas”. E acrescentou: “Como faço para participar de CL? Gostaria de participar. Volte outro dia para jantar, preparo algo de que você gosta”. Naquele momento, não respondi, não sabia o que dizer. Dois dias atrás ela me telefonou e disse: “Estava sentindo falta de lhe ouvir. Quando você volta?”. Fiquei realmente comovida porque essa é a pergunta da minha vida à minha vida: há alguém na sua vida sem o qual você não consegue viver? A ponto de perguntar: “Quando você volta?”, porque se não voltar não há vida.*

Carrón: “Quando você volta?”. Está tudo aí! Toda a moralidade da pessoa é despertada por um relacionamento. Até uma pessoa com uma história dessas – que acharíamos impossível mudar de posição, nem mesmo com um guindaste – pode se mover “dentro” a partir de um encontro que abre de novo o caminho. Estes exemplos assim extremos nos fazem entender que também em situações onde tudo desmorona, onde não se percebe sequer o mínimo remorso, é possível um recomeço. Mas como se recomeça? Precisamos olhar como Deus faz. Porque às vezes, tentando fazer isso com os nossos métodos, estragamos tudo. Por isso, na Jornada de Início de Ano, falávamos da preeminência do Acontecimento sobre a ética; e não porque queremos eliminar a ética, mas porque a ética nasce do Acontecimento. E, de fato, quando falta o Acontecimento, toda a ética desaparece. Não nos tornamos mais morais porque nos fazemos mais advertências morais, é preciso que aconteça. “Quando você volta?”. Escutamos isso esta noite em muitos exemplos: o desejo de se mover, o desejo de mudar, de onde nasce? De onde nasce, em cada um de nós? Cada um deve olhar em si o que o coloca em movimento, de onde lhe vem a vontade de dar um passo diferente na vida. Porque somente se essa origem acontece pode nascer a moralidade, como Dom Giussani sempre nos ensinou. A moralidade nasce diante da Presença. A moralidade nasce do fascínio de sentir-se abraçados desse modo, como Zaquau, ou Mateus. Ou Pedro que, depois de ter errado, ouve a pergunta: “Tu me amas?”. Esse é o desafio, antes de mais nada, à nossa mentalidade: de onde pensamos que podemos partir para mudar, nós e os outros? Somente se paramos e olhamos para como o Mistério faz: “Você acha que pode mudar do seu jeito? Desafio você. Não é que Eu não saiba qual é a situação do homem, Não é que Eu não conheça você. Se fiz como fiz é porque esse método é a única modalidade que pode fazer o eu ressurgir, até das próprias cinzas”.

AVISOS

A próxima Escola de Comunidade acontecerá quarta-feira 18 de novembro, às 21h. A partir de agora começaremos a trabalhar sobre *Reconhecer Cristo*, que é a segunda meditação dos *Exercícios da Fraternidade*. Isso não quer dizer deixar de lado tantos exemplos que possam nos ajudar a entender também aquele texto. Começamos com a colocação de Dom Giussani porque muitas das coisas que dissemos na Jornada de Início de Ano têm a ver, como vocês verão, com aquilo que ele diz. Vai nos ajudar a entender com mais clareza o que foi dito na Jornada de Início de Ano: qual é o método de Deus e qual é a modalidade com a qual eu posso descobri-lo: a correspondência, que nos permite reconhecer a presença do Mistério. Por quê? Porque mobiliza a totalidade do eu, porque regenera o meu eu. Porque neste momento histórico no qual vemos tudo desmoronar, a única coisa que não cai são esses “eus” que vemos, que são o testemunho da Sua obra no meio de nós e que despertam outros. E, assim, a realidade começa a mudar de novo. Por isso, continuemos na mesma trilha trabalhando, agora, *Reconhecer Cristo*. Para o próximo encontro leremos da página 63 à página 75 do livreto dos Exercícios.

Nos próximos meses o Livro do mês [na Itália] será *La bellezza disarmata*. Esse livro é uma tentativa de oferecer as razões da experiência que estamos vivendo diante de tantos desafios, como pude dizer, por exemplo, em uma entrevista para o Tg2 Mizar, que vocês podem encontrar no site de CL. No dia 5 de novembro faremos a apresentação desse livro em Roma. Participarão comigo o cardeal Tauran e Luciano Violante. O coordenador será Roberto Fontolan. O evento será transmitido ao vivo através dos nossos sites. Começa às 18h30 (hora italiana).

Para promover ou organizar encontros públicos de apresentação do livro em suas cidades, o ponto de referência é a Associação Italiana dos Centros Culturais.

Este ano a campanha Tendas AVSI tem como título: “Refugiados e nós. Todos na mesma estrada”. Queremos acolher o apelo do Papa Francisco que nos convida a aceitar o desafio da história que estamos vivendo e acolher os refugiados. Já vemos o movimento de algumas pessoas e comunidades que desejam organizar algumas iniciativas. A campanha Tendas é um instrumento e uma proposta para nos envolver nisso. A campanha da AVSI pretende apoiar alguns projetos, em particular no Sudão do Sul, Iraque, Líbia, Líbano, Jordânia e na Itália. A AVSI também tem um novo e importante serviço que se chama Network#ProfughiEnoi. Como o tema dos refugiados é complexo e delicado, porque também existem questões jurídicas que não são de nossa competência, com essa iniciativa a AVSI se propõe colaborar com realidades e sujeitos que, em diversos níveis, já são ativos no território nacional sobre o tema dos refugiados e, endereçar a essa realidade tanto quem deseja entender mais o que está acontecendo como quem pede sugestão de como ajudar de modo concreto. No site da AVSI vocês podem encontrar informações mais detalhadas sobre essa iniciativa.

Além das Tendas AVSI, lembro que o Movimento indica, em particular, como gesto de caritativa, a Coleta de Alimentos, que este ano na Itália, acontecerá no dia 28 de novembro.

Por último, lembro que está ativo o e-mail para o qual vocês podem enviar perguntas e breves colocações sobre a Escola de Comunidade. Peço que enviem até a noite do domingo anterior ao nosso encontro, de modo que tenhamos tempo de lê-los. O endereço é sdccarron@comunioneliberazione.org e recomendo que o usem só e exclusivamente para a Escola de Comunidade.

Façamos uma oração pelo Papa e pelo Sínodo das Famílias que está se encerrando.

Veni Sancte Spiritus